

## 16. Como será nosso amanhã?

Maurício Galibis Nunes

Meu nome é Maurício Galibis Nunes, tenho 36 anos, sou professor de Arte e indígena do povo Galibi-Marworno, TI Uaçá, residente na Aldeia Kumarumã, no extremo norte do Amapá. O acesso a minha aldeia é somente através de transporte fluvial e aéreo, basicamente estamos “isolados do mundo”. Constantemente, vamos ao município de Oiapoque para vender farinha e comprar mercadorias para nossos lares, uma viagem que leva em média 4 a 6 horas de voadeira (motor de popa) pelo rio Curipi. Fazemos o desembarque na Aldeia Manga e seguimos de carro para Oiapoque. Há a possibilidade de fazermos o deslocamento também pelo mar, mas a viagem dura, em média, 12 a 18 horas, dependendo da maré.

A Aldeia Kumarumã é um local onde a tecnologia e as religiões marcam presença. Onde as “modernidades” tendem a tomar espaço, enquanto os valores culturais estão sendo esquecidos. Somos, basicamente, 3.000 moradores “esquecidos” pelos governantes. Como temos acesso à internet e assistimos, diariamente, pelos jornais, os fatos ocorridos no Brasil e no mundo, pudemos acompanhar a evolução da COVID-19 na China e nos países europeus, e como esse vírus levou a óbito muitas pessoas em questão de dias. Conversávamos entre nós “que isso não chegaria para cá”, pois “estamos longe”.

Quando as emissoras de televisão anunciaram os primeiros casos no Brasil isso nos preocupou, foi o assunto do momento, principalmente pelo número de mortos que ia só aumentando, o número de casos se espalhando no nosso país. Então foi confirmado alguns casos em Macapá e em Oiapoque. Com isso as lideranças locais tomaram algumas medidas de prevenção, visando o melhor para a comunidade. Mesmo assim alguns não concordavam, pois diziam que o vírus “não chegaria na nossa aldeia”. Começamos a controlar a entrada e saída das pessoas da aldeia. Algumas pessoas não quiseram cumprir as normas da comunidade e saíram de madrugada para o município de Oiapoque. Outras traziam seus familiares que moram na cidade para a aldeia. Com a liberação do pagamento da primeira parcela do auxílio emergencial, barcos, com bastante passageiros, saíram da aldeia para a cidade, aglomerando muita gente em um mesmo local. Acredito que essa foi uma das portas que se abriram para a entrada do vírus na nossa comunidade.

No mês de maio algumas pessoas já apresentavam sintomas da COVID-19, mas não tínhamos certeza de nada, até que, no dia 23, um indígena foi encaminhado para a cidade com problemas respiratórios e, no mesmo dia, foi feito o teste nele e deu positivo. Isso abalou a comunidade. A preocupação nos fez refém do medo, pois já não podíamos fazer mais nada, “ela” tinha chegado na nossa aldeia. No dia 25 veio uma equipe da saúde e fizeram vários testes, o resultado foi positivo em muita gente... Foi nesse momento que minhas lágrimas desceram, pois eu conversava com as pessoas sempre sorrindo, mas quem me vê sorrindo por fora não sabe como eu choro por dentro de preocupação, pois vi parentes meus sofrendo com sintomas dessa praga.

No dia 1 de junho uma senhora foi a óbito com sintomas de COVID-19. Agora o que já era preocupante se tornou ainda pior, pois não temos recursos para combater essa doença. Alguns dias antes desse ocorrido ainda tinham pessoas na comunidade desobedecendo a lei da quarentena. Uma situação lamentável, sei que estamos correndo risco, alguns de nossos costumes acabaram: as conversas em grupos e as refeições coletivas em família; os mutirões, as brincadeiras e outras atividades em conjunto.

Diante de tudo isso me sinto impotente, não temos para onde correr, não sei como ajudar, o que será do meu povo? Temo pela minha família, meus planos, minhas metas, meus sonhos foram interrompidos. O pior de tudo é que não há previsão de quando tudo vai “voltar ao normal”, será que voltará? Como será o nosso amanhã? Como nos adaptaremos ao novo "normal"? Tenho medo de não obter essas respostas. Estamos pagando um alto preço pela desobediência de alguns, corremos risco de que a COVID-19 leve muitos de nossos parentes e amigos. Agora só nós resta esperar e nos isolarmos. É triste mas é a realidade.

Espero que isso passe, ainda lutamos, tomamos nossos chás de ervas medicinais para combater os sintomas dessa doença. Acredito que tem uma força maior que nos guardará e assim vamos atravessar esse mal, é o que eu desejo para todos nós.

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil

03 de junho de 2020